**O tratamento maciço das doenças infantis no planeta Kafka**

**Ciclos pedagógicos e projetos escolares: é fácil dizer!**

***\*Philippe Perrenoud***

**Márcio Issler**

PERRENOUD, PHILIPPE. **A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso**. Porto Alegre; Artmed, 2001; 2ª edição.

O prologo do livro de Philippe Perrenoud “A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso” têm como título, “O tratamento maciço das doenças infantis no planeta Kafka”. Conta à história de um planeta habitada por uma espécie dominante e diversificada de bilhões de indivíduos, que formam sociedades diferentes, muitas vezes em conflito.

A história descreve que nas sociedades mais ricas, todas as crianças parecem nascer com uma doença, não mortal, mas que se não tratada a tempo, impede que o individuetorne-se um adulto pleno. Por isso as crianças são internadas maciçamente em hospitais.

Curiosamente a história se parece com o sistema escolar vigente em nossa sociedade, onde as crianças desde tenra idade são ”hospitalizadas” a fim de obterem a cura, ou seja, uma educação. Perrenoud ilustra que esse tipo de doença é passível de um tratamento obrigatório e que os pais que se negam muitas vezes de tratar os filhos sendo penalizados.

Esse tratamento descreve o autor é feito através de fases concebidas como eficazes e cada etapa é tida como uma cura.

Porém se vê que os médicos não sabem ao certo se realmente eles conseguem ser eficazes na aplicação de tal medicamento, para que este tenha realmente o efeito de cura. Pontua ainda algumas vezes sobre os donos dos ou chefes das clínicas como sendo partidários de alguns métodos, dizendo que as formações desses médicos estão limitadas a eles.

O fato dessas crianças mais jovens irem até o hospital e permanecerem lá seis horas por dia fazem com que estas também encontrem médicos desestimulados.

Por fim nos diz que se a cura parece possível, ou mesma certa, a sociedade consente, então, em realizar um esforço particular.

O prologo demonstra claramente que o sistema escolar precisa de uma nova guinada quanto ao método utilizado.

Nesse sentido Philippe Perrenoud no mesmo livro destina um capítulo a comentar sobre “Ciclos pedagógicos e projetos escolares: é fácil dizer!”.

Nesse capitulo encontramos algumas considerações sobre a continuidade das aprendizagens, flexibilidade na organização do ensino e coerência no âmbito de cada escola. Para o autor a repetência não tem sentido de ser, ou razão de ser, pois cada criança progride no seu próprio ritmo. Bem como a leitura e entendimento dos textos progridem de acordo com cada leitor.

Diz-nos que “não podemos fazer nada conservando as estruturas que não foram concebidas para a diferenciação do ensino” certamente se refere ao fracasso escolar, e o entrave para ao desenvolvimento econômico. Os ciclos pedagógicos não são mais uma “ideia de esquerda”. “Nesse mundo a formação não é mais um sonho da esquerdanem um investimento da direita, mas uma necessidade para a sobrevivência”.

Certamente construir habilidades é superar os medos. Para isso pontuam-se três aspectos importantes já descritos abaixo:

**Enriquecer sua caixa de ferramentas:** ferramentas como objeto material, instrumentos utilizados para efetuarem um determinado trabalho. Aqui os instrumentos dão lugar a pessoas, sua compreensão de mundo, de suas finalidades, sua identidade. Para isso é necessário que essas *ferramentas de observação e regulação*, possam ser individualizadas, observadas de forma única, e não como descrita no tratamento maciço das doenças. Tais *ferramentas de transposição e de planejamento didáticos* devem ser adotas sob metida. Já as *ferramentas de gestão de classes e de projeto*, são necessários certos cuidados, pois existe uma dificuldade em estabelecer certa ordem ou regularidade em meio a um caos a própria escola. Contudo existem *ferramentas de comunicação e de negociação*, que não tem somente a função de comunicar algo, mas explicar bem, de encontrar compromissos entre seus atores, entre os limites, entre as urgências.

**Aprender a trabalhar em conjunto:** em alguns lugares ainda é possível dizer que existam “combatentes solitários” dentro de um ensino fundamental. Porem o próprio autor nos lembra de que “melhor que jogar pedra nos professores tentados por essa regressão seria melhor reconhecer que o trabalho em equipe é exatamente difícil e também que negociar e dar vida a um projeto escolar é desafios para as organizações escolares”.

Para isso se faz necessário *viver em equipe pedagógica*, entendendo que existem vários tipos de equipes, mas que estas têm funções necessárias à gestão de um ciclo pedagógico, e que é necessário aprender a superar obstáculos, e antes de tudo, a recusar-se a nega-los ou projeta-los no outro. Para isso *negociar um projeto de escola*, não basta apenas se entender bem em uma equipe pedagógica. Os professores só se comprometem se tal projeto foi devidamente negociado entre eles e levou em conta suas aspirações e seus temores.

**Trabalhar consigo mesmo:** “A mudança tecnológica reflete-se na pessoa do professor.Pontua Perrenoud que “ trabalhar consigo mesmo não equivale a se fechar, a trabalhar na solidão”. *Trabalhar seus medos*, quem nunca sentiu medo nessa profissão? Ora os ciclos reforçam esses medos, pois constituem um “novo início” a carreira docente. O tabu enfrentado em relação aos prazeres é tão grande quanto os do medo. *Trabalhar seus prazeres*, é necessário, pois só assim é possível indagar-se de que satisfações podem ser obtidas com essa profissão e se há outras. E como não ser possuídos por duvidas? *Trabalhar suas duvidas e certezas*, confessar-se duvidoso por vezes é demonstrar um sinal de fraqueza. E só é possível acabar com isso nas escolas, instalando fortes reciprocidade ao assumir riscos, *trabalhando suas atrações e rejeições*, recordando que em uma profissão humanista, relacionamo-nos com crianças, adolescentes e adultos que não escolhemos.

Tendo em vista *os ciclos pedagógicos e o tratamento maciço das doenças infantis no planeta Kafka,* é possível entender que são uma oportunidade para combater o fracasso escolar, bem como acelerar a profissionalização do oficio de professor e as mutações da escola.

É sabido segundo Perrenoud que a NPE não descrita neste texto acima, mas pontuada pelo autor como sendo o produto imperfeito de uma sociedade democrática, uma criação da esquerda que a direita retomou na falta de algo melhor.

“atualmente as pessoas ligadas ao ensino não tem senso de relativismo”.